

DOIS TIPOS DE JAPONESES MÓDERNOS – UMA VISÃO ANTROPOLÓGICO-HISTÓRICA

Masao Yamaguchi

1. O Japão viveu duas derrotas em guerras, desde a metade do século XIX. A primeira foi uma guerra interna chamada Boshin e a segunda foi a Segunda Guerra Mundial. Talvez não seja correto dizer que o Japão perdeu a Guerra de Boshin (1868), em vista desta ter sido uma batalha entre as tropas do lado oriental e ocidental do país. Na seqüência, o lado oriental perdeu e, por esse motivo, os que lutaram pelo lado oriental se consideraram derrotados.

2. A razão de abordarmos o assunto da derrota nestas duas guerras é poder explicar a maneira de viver e os dois tipos de japoneses existentes nos dias de hoje. Na guerra de 1868, as tropas fiéis à corte imperial de Kyôto saíram vitoriosas com o apoio dos ingleses, e os senhores feudais da região nordeste do Japão, dos arredores da antiga província de Aizu, foram punidos severamente porque resistiram, para servir de exemplo aos demais. O Xogum foi substituído e transferido para a província de Shizuoka, o lugar de origem da família Tokugawa. Muitos ex-vassalos também seguiram o Xogum apesar de não poderem receber salários.

3. A família Tokugawa fundou uma universidade de pequeno porte, denominada Escola Militar de Numazu, embora tivessem um certo receio de que essa atitude pudesse provocar, de alguma forma, o novo governo. Um acontecimento memorável ocorreu quando algumas pessoas tentaram criar essa nova universidade, recrutando professores dentre aqueles que lecionavam na universidade fundada pelo Tokugawa em Tóquio ainda quando estava no poder (Centro para Estudos de Bibliografias Importadas). A nova escola reuniu excelentes professores que não gostavam de servir o novo governo, cujos

dirigentes eram provenientes do antigo feudo de Satsuma e Chôshu (respectivamente, atuais províncias de Kagoshima e Yamaguchi). Eles eram excelentes professores, não apenas porque dominavam os clássicos chineses, como também as modernas ciências ocidentais, visto que alguns deles estudaram na Holanda.

4. Temeroso de que a Escola Militar de Numazu se tornasse o foco de resistência contra a nova ordem, constituída por elementos de Satsuma e Chôshu (Governo SC), o novo governo tentou dissolvê-la. Uma das medidas foi convidar os professores influentes para fazerem parte da recém-criada Universidade Imperial de Tóquio, com altos salários. Amane Nishi, o diretor da Escola de Numazu, foi um dos que aceitaram o convite.

Havia, porém, outros que não aceitaram o convite e o governo decidiu, então, incorporar a escola ao Ministério do Exército, ordenando que o corpo docente se mudasse para Tóquio, em 1872.

Havia, entre eles, o professor Kotei Nakane. Ele lecionava no Centro de Estudos de Bibliografias Importadas e conhecia profundamente a literatura chinesa, a filologia holandesa, desenho e música (*koto* – harpa japonesa).

Ele lutou na Guerra de Boshin, pelo antigo governo e desapareceu por algum tempo por ocasião da derrota.

5. Apareceu, depois de algum tempo, e se tornou professor na Escola Militar de Numazu. Pouco depois, pelas circunstâncias da mudança da escola acima descrita, foi nomeado oficial de alta patente no Exército. Sua missão era escrever livros de geografia para fins estratégicos. Quando concluiu o trabalho, o general de Brigada Koyata Torio, seu superior hierárquico, criticou-o, dizendo ser um erro chamar as tropas da batalha de Boshin de tropas orientais e ocidentais. Deveria chamá-las de tropas de legalidade e rebeldes. Não concordando com tal orientação, recusou obediência ao superior hierárquico, renunciando à sua patente militar.

6. Depois de renunciar ao cargo no ministério, foi conselheiro de uma editora, e nunca mais aceitou cargos públicos. Depois que perdeu sua mulher e filho, desistiu de seu emprego, doou todas as suas propriedades para seus parentes, incluindo a casa e a biblioteca, e saiu para viajar como sacerdote budista pelas diferentes regiões do país. Depois de dez anos, em 1912, ele retornou dessa sua viagem e apareceu em Okitsu, na província de Shizuoka. Reuniu amigos e discípulos, declarou que morreria dentro de dez dias por causa de uma doença, deixando o seu testamento. A morte o acolheu conforme previsão.

7. Nyoden Otsuki era um dos amigos que estiveram ao seu lado quando Nakane faleceu. Otsuki também procurou viver como um derrotado. Era filho de um erudito. Seu pai era conselheiro do senhor feudal de Sendai, que liderou os seis feudos que lutaram contra o governo central. Tendo redigido as ordens para resistir, a mando do seu senhor, foi preso e ficou na prisão por cinco anos sem que houvesse julgamento. Otsuki trabalhou no Ministério da Educação como historiador. Quando seu pai foi libertado

após cinco anos, em 1873, ele renunciou ao cargo público e não trabalharia mais para o governo até sua morte, em 1931. Sustentou-se revisando livros para as editoras.

8. Queremos apresentar uma outra pessoa, cujo nome era Kyoko Yamanaka. Era samurai, nasceu no bairro de Yotsuya, em Edo, em 1850. Sua família pertencia ao clã dos *ninja*. Trabalhou como segurança da ala feminina da corte. Depois da derrota do Xogum, ele se mudou para Shizuoka, seguindo a família Tokugawa. Estudou inglês e tornou-se o primeiro pastor da Igreja Metodista Canadense. A luta pela ascensão dentro da igreja recém-fundada era severa. Nessa mesma época, havia um subalterno de nome Nobuyasu Hiraiwa, que se notabilizou em escalar posições, tornando-se Diretor Geral em pouco tempo, deixando Kyoko para trás. Ele tinha sido educado na escola que mais tarde seria a Universidade Imperial de Tóquio.

9. Kyoko Yamanaka não era um homem para viver escalando posições no sistema piramidal de hierarquias. Ele gostava de pregar nas igrejas locais. Gostava de coletar dados folclóricos em diversas províncias, tendo-se tornado, inconscientemente, um grande conhecedor de assuntos regionais. Entretanto, Hiraiwa criticou Kyoko na Assembléia Geral da Igreja Metodista Canadense de 1924, dizendo que era uma pena que houvesse um pastor que negligenciava as obras de Deus e ficava colecionando informações sobre o paganismo. Kyoko renunciou imediatamente ao cargo e tornou-se bibliotecário numa faculdade que havia ajudado a fundar, até falecer, em 1928. Tinha um vasto conhecimento a respeito do folclore do período Edo e tinha conhecimentos preciosos acerca da bibliografia daquele período. Ao seu redor, ficavam pessoas que realmente gostavam de estudar, mas que não gostavam de fazer parte de hierarquia em sistema piramidal.

Começaram a publicar uma revista chamada *Shûko*, entre os anos de 1881 a 1942. Os principais membros deste grupo eram ex-súditos do Xogum, seus filhos e parentes.

10. Para exemplificar com alguns nomes, temos: Wakaki Hayashi, filho do cirurgião-chefe do Exército; Norikazu Akamatsu, filho de um almirante de Esquadra; Shogoro Tsuboi, filho de um médico que serviu ao Xogum com conhecimentos de medicina holandesa, e que mais tarde tornar-se-ia professor da Universidade Imperial de Tóquio e Chikusei Mimura, um comerciante de bambu. Estas pessoas eram especialistas em bibliografias e costumes folclóricos do período Edo. Elas se reuniam de tempos em tempos, trazendo livros e coisas preciosas, apreciando a discussão, trocando informações. O grupo se baseava no princípio de comunicação em rede, contrastando com o princípio das hierarquias em pirâmides, utilizadas nas universidades.

11. Há uma opinião corrente que diz que o sistema universitário japonês, que adotou o modelo ocidental, cujas universidades são utilizadas como instituições autoritárias servindo como uma pirâmide de poder, está chegando ao fim. Encoraja-nos saber que existiu um grupo que mostrou um caminho além daquele sistema fechado de hierarquia em forma de pirâmides que foi chamado de Universidade. *Shûko* mostrou ser um exemplo de trabalho de equipe, criou um estilo de estudo histórico da cultura, baseado nas suas próprias experiências e numa espécie de rede horizontal dentro da estrutura em forma de pirâmide do governo constituído por elementos de Satsuma e Chôshu.

Era um tipo de associação que existia comumente no período Edo. Deve ter derivado das reuniões dos apreciadores de *haikai* e *renga* no período Muromachi. De qualquer forma, *Shûko* foi um dos remanescentes desta tradição.

12. No período Edo, este tipo de rede era chamado *ko* ou *renjû*. Entretanto, estes estilos quase desapareceram, com exceção das associações de *haikai*, que são hierarquicamente e exclusivamente organizadas. A razão para o desaparecimento é justificada pela propagação do sistema de pirâmides, que reorganizou as pessoas no princípio vertical e cortou todo e qualquer laço com sua organização, tendo no ápice o Imperador. Durante a Segunda Guerra Mundial, a hierarquização se intensificou e o controle do governo sobre as indústrias de base se tornou normal e se estendeu a outros tipos de atividade, tais como as culturais e de educação. Essa forma de organização propagou-se também para a iniciativa privada que passou a imitar a hierarquia em forma de pirâmide do sistema governamental.

13. Existiam as pessoas liberais chamadas *tsuu*, tal como o *shûko*. Nós somos produtos de uma cultura urbana que tinha uma enorme capacidade para ver as coisas pelo lado de fora.

Deixem-me falar de Chingaku Awashima e seu filho Kangetsu Awashima. Chingaku, admitido como filho adotivo de uma grande confeitaria chamada Awashimaya, nunca teve problemas econômicos, fazendo aquilo que gostava, que era a pintura. Seu trabalho começou a ser apreciado pelos estrangeiros no período Meiji e vendeu muito bem. Em 1877, ele começou a realizar encontros chamados *chikubakai*, nos restaurantes com o intuito de encontrar seus amigos, para partilhar o interesse pelos brinquedos e coisas de infância. Estes encontros seriam um protótipo do *Shûkokai*, organizado para a Loja de Departamentos Mitsukoshi, por Sazanami Iwaya, naquela época, conhecido autor de peças infantis. Kangetsu Awashima, seu filho, além de ser um grande pintor, tornou-se um grande colecionador de brinquedos de todo o mundo.

14. Ele nunca havia tido a experiência de viajar para outro país, porém, reuniu um grande volume de informações da cultura folclórica estrangeira, coordenando-as a seu modo. Além disso, pode-se dizer que ele se tornou pesquisador em antropologia e etnografia, antes de qualquer outro professor universitário da era Meiji, e criou um museu particular de brinquedos, muito antes da criação do Museu Nacional de Etnografia, depois da Segunda Guerra Mundial.

Seihu Shimizu herdou uma empresa de transportes. Nasceu e cresceu em Kanda. Tinha a reputação de ser um *expert* em brinquedos e por isso era chamado “Dr. Brinquedo” Ele foi autor de seis livros de gravuras a respeito de brinquedos.

15. Shigejiro Okuyama, cujo apelido era *imo-shige* entre os professores e curadores de museus. Tinha esse apelido pelo fato de ser vendedor de batatas-doces assadas. Era aficionado em arqueologia e ajudava nas escavações realizadas pelas universidades. Depois, tornou-se proprietário de uma loja de “sebo”, a fim de se aproximar das coisas que realmente gosta.

Estes não eram ex-súditos de Tokugawa derrotados na guerra, mas pessoas que também não estavam totalmente do lado dos vencedores. Tinham uma profunda ligação com a cultura do período Edo e não gostavam da hierarquia em pirâmide implantada pelo governo constituído por elementos de Satsuma e Chôshu. É difícil explicar como pessoas tão diferentes tenham se congregado desta forma. Uma das razões é o fato de todos eles terem o mesmo *hobby*.

Eles se orgulhavam do *hobby* que tinham e não queriam viver sob a hierarquia do sistema de pirâmide. Kyoko Yamanaka era um exemplo típico dessas pessoas.

16. Já relatamos que o governo constituído por elementos de Satsuma e Chôshu estava tentando construir uma sociedade nova, na qual as pessoas não mais se organizavam de forma hierárquica, nem horizontal.

Foi o *dôkôkai* que deu aos apreciadores do mesmo *hobby* uma oportunidade para estarem congregados num plano horizontal. *Dôkôkai* – a associação – foi organizada no período Tokugawa, principalmente entre os aficionados pela história natural.

A origem do *dôkôkai* eram reuniões para estudar a história natural, tão popular no período Tokugawa.

O primeiro governo do período Meiji encorajou as novas ciências, tais como química e física, direcionadas ao progresso, ao contrário do que procuraram fazer com a história natural, na tentativa de mostrar que a filosofia do período Edo estava ultrapassada.

17. Entretanto, ainda havia muitas pessoas que achavam que a história natural podia abrir a mente dos homens para a natureza ao seu redor, muito mais do que as ciências exatas. Havia pessoas que pensavam que os brinquedos, na cultura folclórica, por reunir pessoas e, sendo constituídos de madeira, água, terra, linha etc., abriam suas mentes para um mundo ainda mais vasto. *Shûko* (reunião da Antiguidade) era a associação dessas pessoas.

18. *Tate banko* era um tipo de jogo, do período Tokugawa, desaparecido na era Meiji, realizado nos templos xintoístas durante os festivais de outono. Havia tendas que vendiam *tate banko*. Os meninos tinham que construir uma casa, cortando pedaços de madeira chamados *banko* que eram previamente fixados no chão. Tinham que cortar as suas bordas ou efetuar cortes, no intuito de formar alguma coisa, seguindo a ordem em que eram colocados. O primeiro a terminar seria o vencedor. Gradualmente, os meninos obtinham informações sobre qual deles era o mais habilidoso, o que possibilitava amizades. Este é um exemplo de formação de uma rede horizontal de comunicações.

19. Estou certo de que algumas pessoas que participaram do *Shûko* conservaram o espírito do *tate banko*. Este jogo era apenas para meninos, sendo que para as meninas havia um jogo chamado *kisekae-ningyô*, bastante popular entre elas, que consistia na mudança de roupas das bonecas. Era um jogo diferente, mas que continha as mesmas características de um jogo em grupo. Numa sociedade hierarquizada como a daquele tempo, estes jogos mostravam uma sociedade horizontal que era atraente. Em outras

palavras, estes jogos criaram uma geração nova, que possibilitou a construção de um sistema melhor nos períodos Meiji e Taishô.

20. No início desta palestra, chamamos a atenção para o fato de a derrota nas duas guerras ter formado dois modos de vida no Japão moderno. Um deles eram os derrotados que eram classificados em três tipos:

a) aqueles que pertenciam a um tipo de pirâmide, não necessariamente a de Satsuma e Chôshu, mas que determinaram seu próprio meio de vida numa rede de comunicações que poderia ser horizontal (ex.: Kyoko Yamanaka e Shogoro Tsuboi).

b) aqueles que nunca pertenceram a uma pirâmide de poder e viveram de forma livre, no mundo lúdico (ex.: Kangetsu e Chingaku Awashima).

c) aqueles que abandonaram o cotidiano de um sistema piramidal para viverem no exterior (por ex.: Kotei Nakane, Nyoden Otsuki).

21. Então, o que ocorreu com aqueles que ganharam e com aqueles que se submeteram aos que ganharam? Isto pode ser resumido da seguinte forma:

a) Aqueles que ganharam buscaram construir uma sociedade rica baseada num sistema de prestigiar os talentosos, sempre tendo como centro o Imperador, além de um exército forte. Eles se preocupavam em elevar o seu *status* e ignorar as críticas e o direito de terceiros. É lamentável que as pessoas passaram a agir com esse tipo de atitude também em relação às pessoas de países vizinhos. Não somente com relação às pessoas, mas também com relação à natureza, a qual exploravam ilimitadamente, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial.

b) Estes tipos de japoneses desenvolveram o pensamento de que os fortes poderiam sacrificar os fracos, abandonando o tipo de vida que os japoneses criaram, de que os homens podiam viver melhor em harmonia com a natureza.

22. Os japoneses perderam a Segunda Guerra Mundial. Esta derrota foi diferente da que acabamos de descrever, pois nesta apenas metade dos japoneses perderam. Entretanto, todos os japoneses perderam a Segunda Guerra Mundial. Na primeira experiência, as pessoas procuravam maneiras de transcender espiritualmente os vitoriosos, resistindo ao sistema de pirâmide, tentando conservar seu próprio modo de viver. Havia pessoas que conseguiam escapar do sistema imposto. Porém, depois da segunda derrota, nada disso ocorreu. A razão disso era de que a ideologia da democracia era difícil de resistir. Ainda mais porque vinha acompanhada de conceitos materialistas, dando prioridade aos indivíduos, ao invés do Estado ou sociedade. Para estes japoneses, que através dos filmes conheciam a civilização materialista americana, com sua imagem de vida urbana moderna, passaram a encarar como uma meta a ser atingida.

23. Não havia nenhuma razão para resistir à democracia. Eles simplesmente identificavam os vitoriosos com a democracia e deveriam tê-la separado da prosperidade material. Somente agora é que os japoneses se conscientizaram do lado negativo do

materialismo. Há, atualmente, uma discussão a respeito da destruição do meio ambiente: a poluição teria origem nos excessivos interesses das indústrias e numa perda de afeição pela natureza.

Sobre a questão da aceitação da democracia conservando intacta a estrutura hierárquica, os japoneses deveriam ter destruído o sistema piramidal de Satsuma e Chôshu, bem como ter negado o monopólio do poder e de informações pelo governo central, para poder atingir a democracia. O vácuo político existente era favorável para que se pudesse agir desta forma.

24. Entretanto, é sabido que isso não ocorreu na história do Japão. Isto se deveu ao fato dos japoneses terem sido bem-sucedidos em fazer com que ambos os sistemas coexistissem. Os japoneses apreciam a democracia, mas também a hierarquia, muito embora a influência de Satsuma e Chôshu tenha decaído na década de 20. Mas, apesar disso o sistema piramidal permaneceu intacto. Por esse motivo, os burocratas continuaram a exercer seus papéis de sempre. Eles acreditavam firmemente que a sociedade deveria estar sob o seu controle. Os burocratas estão acima das pessoas comuns, e estas acreditavam que aqueles tinham o direito de controlar o Japão e suas vidas. Acreditamos que as pessoas deveriam ter deixado este pensamento e partido para um novo ideal.

25. Comparando com as pessoas que abraçavam fortemente este ideal, temos um profundo respeito por aqueles que abandonaram o Japão naquela época, independente dos motivos que os levaram a isso. O governo japonês permitiu que eles saíssem do país apenas para resolver o problema do aumento demográfico. Para os emigrantes, isto significava deixar toda uma cultura, língua, para trás. O Japão criado por Satsuma e Chôshu sofreu um colapso, abrindo oportunidade para que essa situação ocorresse. Há duas maneiras de deixar um país. Uma delas é se posicionar fora do sistema dominante, assim como aqueles que foram vencidos na primeira guerra. Eles se tornaram “os abandonados”, ficando fora do sistema, além de terem sido deixados à sua própria sorte. O sistema piramidal, que a maioria escolheu, está por passar agora por uma séria crise.

26. Qual é o caminho remanescente, então, dos japoneses hoje em dia? Sabemos que há dois modos diferentes de vida depois da Guerra de Boshin. E agora, o caminho para identificação do vencedor está correndo o risco de ir à falência. Sabemos que o meio de manter distância do vencedor ainda é eficiente hoje em dia. Só recentemente é que o segundo caminho foi descoberto. Muitos dos ancestrais que saíram do Japão eram aqueles que não encontraram um caminho na sociedade piramidal de que falamos. Nascemos em Hokkaido. O nosso pai saiu da província de Tottori e migrou para lá com sua mãe, quando o seu pai faleceu na guerra Russo-Japonesa. Isso explica o fato de nós sermos tão críticos a respeito do modo de Satsuma e Chôshu controlarem o país.

27. É conhecido por todos que Takenobu Enomoto lutou em Hakodate contra o governo central. Apesar de derrotado, tornou-se um dos membros proeminentes do governo Meiji. Nomeado ministro de Negócios Estrangeiros, enviou, em 1891, imigrantes japoneses para o México e Nova Caledônia.

28. Aqueles que emigraram para o exterior ficaram na mesma situação dos exilados. O Japão estava passando por transformações e mudança de contextos. Já mencionamos que uma estrutura horizontal de comunicações seria mais eficiente do que a vertical. Aqueles que foram morar fora do Japão tiveram um intenso contato com uma cultura heterogênea, língua e costumes diferentes, e assim contribuíram para construir uma imagem diversificada do Japão.

Não cremos que a fronteira do Japão esteja bem definida, mas o ideal é que surja uma rede que una o mundo através de coisas japonesas. Este é o caminho para que a identidade brasileira seja parte da japonesa e vice-versa. Este é o meio para que uma cultura possa transmitir informações a respeito dela mesma. Para atingir este estado, o papel dos japoneses que moram no exterior é muito mais importante do que daqueles que vivem no Japão e tentam controlar o mundo com informações e riquezas. Para finalizar, podemos dizer que os ancestrais dos japoneses que foram viver no exterior são aqueles que foram derrotados na guerra interna denominada Boshin, e que foram excluídos do novo sistema que se criou desde então.